O TEMPO E O MODO—N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 2
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) LISBOA
SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES
2

tralização» e sofre uma derrota. Johnson, Dean Rusk e Robert S. Mac Namara reafirmam a intenção de resistir até ao fim e de *«não abrir o Sudoeste Asiático aos comunistas»*.

E, no entanto, a «neutralização» para os E. U. continua a ser o menor dos males. Foge-se dele porque «neutralizar» equivaleria a confessar a guerra perdida — e porque as promessas foram muitas. Foge-se dele porque ainda vigora um pouco nos espíritos a máxima dulliana segundo a qual «o neutralismo é imoral». Foge dele, finalmente, porque o conflito já custou à América 3 biliões de dólares e centenas de vidas e sobretudo porque os interesses ancorados são muitos e se teme qualquer modificação no «statu quo».

O facto permanece de que nenhuma situação é durável no Sudoeste Asiático sem o acordo da China Popular. Isto reconhecem, ou reconheceram, todos os participantes na tragédia: Johnson, De Gaulle, Khan e, antes, Salan, Bidault, Laniel, Navarre, Mendès-France...

Enquanto dura a tormenta, porém, enquanto alguns lutam pela justiça e outros para a retardar, enquanto uns sofrem e esperam a libertação e outros combatem por ela, enquanto isso, os homens morrem. E porque não são de certo aqueles que morrem os culpados das lutas que se travam para defender as zonas de influência e os mercados americanos na Ásia, aqui os lamentamos. E tanto mais, quanto o mal que padeceram e sobretudo o que fizeram padecer terão sido vãos.

V. P. V.

mantido este corte

VISADO 13 — SERVIÇOS DE CENSURA DE LISBOA

Política espanhola

SE LÁ DO ASSENTO ETÉREO...

E eis que a rebelião espanhola comemora as suas bodas de prata. Por entre Sila e Caribdes, uma guerra mundial, um apertado bloqueio, vicissitudes várias, monárquicos carlistas e monárquicos bombonistas, falanges e católicos, Pio XII e João XXIII, por entre os restos dum ocidente dividido e sossobrado, o Generalíssimo Caudillo um dia, pela Graça de Deus depois, continua, único (ou quase) testemunho duma época morta e talvez prematuramente enterrada. E para ele — ao que noticiam as agências — se pede e justifica o Prémio Nóbel da Paz.

Assinalando o aniversário, o Generalíssimo falou. Disse que estava consciente da evolução do mundo. Que se prepara para continuar a modernizar as instituições e — promessa ou augúrio? — que redigirá novas leis que definam os poderes do chefe do Estado e do chefe do governo e do sistema para a sua escolha. Sabido que a Espanha é, desde 1946, uma monarquia à espera de monarca de sangue, mono árquicamente governada, os fiéis ao Conde de Barcelona devem ter prestado especial atenção às especiais palavras seguintes. Nelas o hábil diplomata que Franco entre outras coisas é, trancou a porta que parecia entreabrir. Que não se referia, disse, à monarquia devoliberal, que todos nós conhecemos ¿Seria Afonso XII, tão pálido e louro? Sua mãe Isabel que os carlistas vituperam? Ou Afonso XIII que fugiu quando viu as coisas mal paradas e que não quis verter — segundo declarou — sangue es-

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

Autorizado c/corte a vermelho
21-V-64
R. [signature]

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 28/5/64
Prova n.º 10
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
CORTADO

~~panhol por sua causa~~). Franco apontou depois para «uma monarquia social, popular e representativa, que responderia às necessidades da nossa época». *Por isso mesmo* — acrescentou o Generalíssimo — *nunca me referi a uma restauração, mas a uma instauração.*

Não interessa — e seria mesmo trabalho maldoso — respigar nos anteriores discursos do Caudilho para ver se ele fala ou não verdade, quando diz que nunca disse tal. Deixemos esse trabalho aos monárquicos espanhóis e salientemos apenas — uma vez mais — a sábia prudência que estavas palavras encerram. Não foi ele que disse um dia que para criar uma ideologia comum aos aliados na rebelião, exército, falange, carlistas, monárquicos ortodoxos, CEDA, era necessário actuar com luvas de pelica?

Se lá do assento etéreo (onde certamente subiram) memória desta vida se consente, Sanjurjo, general também, que morreu por excesso de bagagem, Primo de Rivera (José António) que foi justiçado em Alicante, mola de quem Franco não gostava e que ambicionou muito e mal, devem saber, agora que quem tem tempo não tem pressa. Igualmente o saberão Adolf Hitler que esperou por ele meia hora em Hendoya e lhe chamou ingrato (lá teria as suas razões) ou mesmo Julian Grimou que também não soube esperar.

Ou por outras palavras: no amável mundo em que vivemos, calçar luvar (e de pelica) tem sua importância. Como a tem uma atenção ao muito que de outro tempo no nosso persiste.

Resta acrescentar que vinte e cinco anos dessas não passam em vão. Se não se viu, verão.

J. B. C.

PORQUE NÃO O BLOQUEIO?

Um pequeno esforço de atenção sobre a criação de estruturas supernacionais — estruturas que deverão prever a representação, o poder judicial, e a execução com a força adequada das resoluções duma e das decisões doutro, ajuda a classificar alguns problemas para os quais não se vê solução ou se procuram colher do abstracto resoluções demasiado simplistas.

O caso da África do Sul e do «apartheid» é dos que nem os princípios nem a estratégia permitem duas atitudes. De resto, normalmente, a caução de princípios errados traduz-se, a mais curto ou longo prazo numa estratégia errada.

Equanto essas instituições não estiverem em funcionamento seria desejável que as nações mais responsáveis tomassem medidas que pudessem dar execução prática a situações inteiramente condenáveis sob o ponto de vista dos princípios, e sendo ainda certo que, num tempo muito próximo, as poderá resolver da pior maneira.

Por isso da Conferência de Londres, de 19 de Abril, devia sair mais alguma coisa do que uma resolução platónica. Nesse aspecto, a África do Sul, já ouviu só da O. N. U. 29 resoluções, e na prática e «apartheid» continua imperturbável...

A. A. B.

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

mantido

Corta 21-V-64
R. Reis

O TEMPO E O MODO—N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/1964
Prova n.º 21
Saída em 28/4/64

CONTO EXEMPLAR

Segundo Russel, *«um símbolo da loucura suicida do nosso tempo»*. O major Claude Etherly encarnou durante anos o «sentimento de culpa» de um certo mundo. Cada mundo, porém, tem os heróis e os símbolos que merece.

O Major Etherley suposto piloto do avião que bombardeara Hiroshima e Nagasak, suposto doente mental afligido de remorsos, suposto deliquente-para-sofrer-de-propósito-as-penas-e-aliviar-a-consciência, suposto tudo, foi, é a imagem da consciência decomposta de um tempo e uma sociedade determinados. Descobriu-se, entre outras coisas elucidativas: que nunca voara perto das zonas atingidas; que não havia sido (como se afirmara) condecorado; que, em vez de desesperadamente tentar abandonar o exército, quisera ficar e não o conseguira; que escondera com cuidado profissional os seus primeiros crimes; que jamais visitara o Japão em romagem de penitência, como lhe apeteceu dar a entender.

Hoje, sim, o Major Etherley assalta mercearias com pistolas de água e a seguir espera pela polícia. Hoje, sim, sofre espectaculares e publicitadas crises morais. Hoje, também, escreve um livro, contando as vicissitudes espirituais que atravessou.

Não importam já as vítimas, os crimes e o horror: vive-se, repita-se, num mundo que permite até a exploração das vítimas, dos crimes e dos horrores. Só quem

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) AUTORIZADO COM CORTES

Estes dois cortes serão considerados efeitos, apenas com a versão do início. 21-V-64 R. M.

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 2ª
Saída em 28/4/64

estiver interessado em deturpar os factos — e há quem esteja — se atreverá a pretender que Claude Etherley tem no caso qualquer relevância.

Quem iniciou o bombardeamento de populações civis para «desmoralizar a resistência» foi a Legião Condor e sabemos onde. Veio depois a vez da Polónia, da França, da Inglaterra, da U.R.S.S. Quem iniciou o fabrico das bombas nucleares foi Hitler e elas só não se acabaram porque Himmler se preocupava predominantemente com as experiências de que eram cobaias humanas os prisioneiros de Dachau (vide William Schirer, *Génese e Queda do III Reich*). Quem ordenou que a bomba se lançasse foi Harvy Truman, Presidente dos Estados Unidos. Quem defendeu a sua utilização durante a guerra da Coreia, para «aniquilar» Xangai e Pequim, foi Douglas Mac Arthur, Comandante Supremo do Exército do Sul. Nenhum destes se lembrou de ter remorsos. Muitos destes são pessoas prestigiosas e respeitadas.

A consciência individual do Major Etherly entra na história a fim de tranquilizar os visados, mostrando que a consciência individual, por vezes existe. Todavia, tal como não podia deixar de ser, o homem é um trapaceiro. Trapaça essa, simbólica.

Resta-nos que para uns, felizmente, a verdade ainda conta e eles saberão que o «negócio da culpa», consequência natural, esconde, não «a loucura suicida», mas mais palpáveis realidades e, claro, sobretudo, a morte da consciência.

V. P. V.

SERVIÇO DE CENSURA (SECRE) CORTADO

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 23
Saída em 28/4/64

ANTONIO MACHADO EM COLLIOURE

Na noite de 27 de Janeiro de 1939 António Machado transpõe a fronteira espanhola, entra em França. Não vai sòzinho. É um refugiado numa multidão de refugiados de que faz parte a sua velha mãe.

Não conheço uma palavra sobre esta jornada colectiva feita a pé num dia em que o inverno impunha o seu domínio. Li algures que António Machado, nos poucos dias que durou o seu exílio, esperava continuar a escrever. Mas não chegou a fazê-lo. Que nos diria sobre a sua árdua jornada, sobre a última noite que passou na sua pátria, abrigado numa cozinha, sobre a sua primeira noite de exilado, em que não conseguiu sítio mais cómodo para pernoitar que uma carruagem de caminho de ferro?

Em 29 de Janeiro, instalam-no com sua mãe numa pensão de Collioure, aldeia junto ao Mediterrâneo. Propõem-lhe levá-lo para Paris, onde certamente seria acolhido por muitos braços abertos. Mas ele não aceita. Porque era longe de Espanha, muito longe do planalto castelhano onde *nascera não para a vida mas para o amor*, muito longe do mar que envolve a Andaluzia da sua infância e que em Collioure podia ver da janela do seu quarto? Porque fora em Paris que uma primeira hemoptize o avisara da morte precoce de Leonor? Porque sentia próximo o *dia da última viagem* e demasiado duro percorrer tão extenso caminho apenas para encontrar sepultura? Talvez tudo isto tenha acudido ao espírito do genial poeta dos «Campos de Castilla» ao fixar-se em Collioure.

Como reconstituir os dias que decorreram desde 29 de Janeiro até à sua mor-

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 24
Saída em 28/4/64

te? Poderemos fazê-lo lendo os seus versos, procurando os temas dominantes da sua obra, que na extrema angústia de então devem ter-se apossado de si mais do que nunca:

A ideia da Pátria — terra e alma, presença e entidade histórica que o povo sustenta para a projectar no futuro: *Mas otra España nace, / la España del cincel y de la maza, / con esa eterna juventud que se hace / del pasado macizo de la raza. / Una España implacable y redentora, / España que alborea / con una hacha en la mano vengadora, / España de la rabia y de la idea.* A saudade de Leonor, a *esposa a quem adorava*, morta havia já vinte e sete anos, e a saudade de quanto viveram em comum, a cidade em que se amaram. *Seria pura, terra de alma*, o cemitério que a guardava, terra *donde esta sus tierra*. Continuariam nele as palavras que escrevera a Miguel de Unamuno após a morte de Leonor?: *Daria mil vidas pela sua. Creio que nada há de extraordinário neste sentimento que experimentei. Há em nós algo de imortal que desejaria morrer com o que morre. É talvez para isto que Deus veio ao mundo. Pensar assim consola-me um pouco. Por vezes tenho esperança. (...) Enfim, hoje ela vive em mim mais do que nunca e, por vezes, fechando os olhos, creio que vou encontrá-la de novo.* O afastamento que a guerra lhe impôs daquela que foi o amor dos últimos anos da sua vida, a Guiomar de algumas belas «canções», invocada num dos seus últimos sonetos: *Acaso a ti mi ausencia te acompaña. A ti me duele tu recuerdo, diosa.* Mas, mais que tudo, por certo, devia feri-lo e empurrá-lo para a morte a guerra

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 25
Saída em 28/5/64

que viveu ao lado dos que morrem, até que a sua esperança terminou e ele escolheu aquele chão de exílio.

Sòmente sua mãe nos poderia revelar o que foram os dias de António Machado em Collioure, se não tivesse morrido dois dias depois do filho cuja solidão sempre compartilhou.

Em 15 de Fevereiro António Machado adoece. Ninguém melhor que ele anteviu o que foi a sua morte: longe de tudo quanto amava — terra e gente —, pobre:

Y cuando llegue el día del último viaje,
y esté al partir la nave que nunca hade tornar,
me encontraréis a bordo, ligero de equipaje,
casi, desnudo, como los hijos de la mar.

Morreu em 22 de Fevereiro de 1939, há vinte e cinco anos. Porque ainda jaz no cemitério de Collioure, onde foi sepultado, recordo versos que escreveu ao saber da morte do seu mestre Francisco Giner de los Rios:

Y hacia otra luz más pura / partió el hermano de la luz del alba, / del sol de los talleres, / el viejo alegre de la vida santa. / ...Oh, sí, llevai, amigos, / su cuerpo a la montaña, / a los azules montes / del ancho Guadarrama. / Allí hay barrancos hondos / de pinos verdes donde el viento canta. / Su corazón repose / bajo una ensina casta, / en tierra de tomillos, donde juegan / mariposas doradas... / Allí el maestro um día / soñaba un nuevo florecer de España.

JOSÉ BENTO

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 28
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ, PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA

O chefe do Estado só cumpre o seu dever quando está em todas as regiões do País.

SERVIÇOS DE CENSURA
CORTADO

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 16/5/64
Prova n.º 30
Saída em 28/4/64

COMISSÃO DE LISBOA 15 VISADO SERVIÇOS DE CENSURA
SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) AUTORIZADO COM CORTES

RECURSOS DE OFICIAIS AFASTADOS OPÓS A INVASÃO DO ESTADO DA ÍNDIA

Vários oficiais do Exército, demitidos ou reformados após a invasão do Estado da Índia apresentaram, também, recursos que foram «rejeitados preliminarmente».

Os oficiais recorrentes são o general Vassalo e Silva e o brigadeiro António José Martins Leitão (já falecido); tenente-coronel Mário Marques de Andrade, majores João Luís Pimentel de Oliveira, Francisco José de Morais, Acácio Nunes da Cruz Tenreiro e Manuel Marques Peralta, e capitão Joaquim Pinto Brás.

Os acórdãos referentes a estes recursos determinam que a matéria dos mesmos não é da competência do tribunal.

PRIMEIRO DE JANEIRO
30 de Abril de 1964

"Cortado" 29-V-64

O TEMPO E O MODO—N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 16/5/64
Prova n.º 33
Saída em 28/4/64
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

1

[redacted] TAXAS DE ESCOLARIDADE E [redacted]

«Para o sistema em geral e de entre as causas de natureza estrutural parece poder distinguir-se entre as de natureza económica — onde os fracos recursos da população constituem factor preponderante — e as peculiares do sistema de ensino — ausência de ensino gratuito após os estudos primários, rede incompleta de instalações e reduzida lotação destas quando comparada com a população a escolarizar, insuficiência quantitativa do pessoal docente incluindo os da inspecção e existência de grande número de agentes pouco qualificados, baixa remuneração do pessoal docente, deficiente estrutura do sistema e dos programas em vigor, existência de cursos técnicos demasiado longos em relação à especialização que proporcionam, falta de coordenação do sistema, etc.»

(Evolução da Estrutura Escolar Portuguesa — 1963 — Centro de Estudos de Estatística Económica, do Instituto de Alta Cultura.)

CUSTO DA REPETÊNCIA

«No ano lectivo de 1961-62, frequentaram as escolas primárias portuguesas cerca de 880 000 alunos em idade escolar. Admitindo que cada uma das classes corresponderia à frequência de um ano lectivo, houve, nesse mesmo ano, cerca de 216 000 alunos repetentes, quer dizer, mais de 24 % dos alunos (a distribuição por classes foi a seguinte: 1.ª classe, 89 890 alunos, 33,2 %; 2.ª classe, 49 305 alunos, 21,9 %) foram reprovados na frequência do ano.

«Raciocinando, só em termos de vencimentos pagos ao pessoal docente esta repetência teria custado ao Tesouro cerca de 100 mil contos.»

(Evolução da Estrutura Escolar Portuguesa — 1963 — Centro de Estudos de Estatística Económica, do Instituto de Alta Cultura.)

DIARIO DE LISBOA
20 de Abril de 1964

6

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 34
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

AUTORIZADO COM CORTES

UM DÉFICIT DE 6729 MIL CONTOS — ALGUMAS EXPORTAÇÕES PRINCIPAIS

Somou 30 701 mil contos o comércio especial da Metrópole em 1963. As importações elevaram-se a 18 715 mil e as exportações foram de 11 986 mil ou um déficit de 6729 mil.

Com o Ultramar esse comércio foi de 5451 mil contos, dos quais 2589 mil ou 18,8 % de importações e 2862 mil ou 23,9 % de exportações, digamos um saldo positivo de 273 mil.

Com o estrangeiro totalizou o nosso comércio especial 25 164 mil contos sendo 16 125 mil ou 86,2 % de importações e 9039 mil ou 75,9 % de exportações ou um excesso das primeiras sobre as segundas de 7025 mil, digamos quase o valor de dois terços de tudo quanto exportámos.

Com o Mercado Comum o nosso comércio especial somou 9089 mil contos, 6487 mil de importações e 2602 mil de exportações ou um déficit de 3886 mil.

Com o da E. F. T. A. os números foram: 6732 mil contos, dos quais 4106 mil de importações e 2626 mil de exportações ou um déficit de 1480 mil.

Com as Américas o nosso comércio especial totalizou 4494 mil contos, 2549 mil de importações e 1945 mil de exportações ou um déficit de 605 mil.

Com a África portuguesa o nosso comércio especial foi de 1195 mil contos dos quais 688 mil de importações e 507 mil de exportações ou um déficit de 181 mil.

Com a Ásia esse comércio somou 2093 mil contos: 1459 mil de importações e 634 mil de exportações ou um déficit de 824 mil.

Com os países da Cortina o comércio especial, no ano último, foi de 312 mil contos dos quais 130 mil de importações e 182 mil de exportações ou um saldo positivo de 52 mil.

Com a Espanha o nosso comércio especial somou 517 mil contos sendo 253 mil de importações e 264 mil de exportações ou um saldo positivo de 12 mil.

Com o Brasil esse comércio ficou em 160 mil contos dos quais 98 mil de importações e 62 mil de exportações ou um déficit de 36 mil.

PRIMEIRO DE JANEIRO
4 de Maio de 1964

Slhi

Provas remetidas à Censura
em 16/5/64
Prova n.º 35
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

DECLARAÇÕES DO EMBAIXADOR EM WASHINGTON

O ACORDO LUSO-FRANCÊS

Ao perguntarem-lhe quais são as repercussões do acordo entre Portugal e a França sobre a concessão de bases científicas nos Açores, o embaixador respondeu que «existem duas ou três implicações importantes».

DIÁRIO DE LISBOA
7 de Maio de 1964

mantido o corte
29-V-64

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 16/5/64
Prova n.º 45
Saída em 28/4/64

ESPANCANDO AS QUIMERAS

«Para obter a audiência dos humanos é preciso falar dos grandes interesses humanos».

MONIZ BARRETO

Anda a Portugália Editora empenhada numa ambiciosa e louvável anacefalose crítica da nossa cultura oitocentista [illegible] por desinteresse daquela a quem competia estudá-la, acaso por se transmitir a uns quantos neófitos, na maior parte discípulos do conde de Abranhos, arvorados em herdeiros legítimos e incontestados. Mas a recuperação está já comprometida com os nomes de Joel Serrão, José Tengarrinha, Augusto da Costa Dias, Alexandre Cabral e Castelo Branco Chaves parecem desde logo garantir o bom andamento deste [illegible] às origens duma vida cultural estrapiada por intérpretes hemiplégicos. Há, pois, que assinalar e aplaudir este sadio intuito de reconsiderar pela raiz da mentalidade que precedeu e em larga medida moldou a nossa. O rumo desta investigação literária e sociológica tem a garanti-lo o recurso às melhores bússulas críticas portuguesas actuais. Enquanto uma enfadonha prole de paladinos da Idade Média se afadiga em empresas de duvidosa utilidade pública como as de traduzir e editar colírios da fé contra as heresias, outros estudiosos começam agora a faina bem menos fútil de reorganizar o inventário da cultura do século XIX. Entre as questões já abordadas figuram neste momento as polémicas de Camilo, o nacionalismo literário da geração de 90, o pensamento político de José Estêvão e, mais recentemente, a obra de Moniz Barreto, o nosso único grande crítico dessa época. Anunciam-se ainda estudos sobre a formação económica de Portugal, a continuação das polémicas camilistas, a edição do opus politicum *de Garrett e um ensaio sobre as perspectivas do séc. XIX. Este programa editorial da Portugália qualifica-a como uma das mais fecundas promotoras culturais no nosso [illegible] panorama ed ideias. O volume de Jaime Cortesão,*

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 15/5/64
Prova n.º 52
Saída em 25/4/64

enriqueceram «o conhecimento das coisas portuguesas com vistas penetrantes e exactas» *e fizeram de Eça o maior romancista de quantos aqui se devotaram à ingloriosa tarefa literária comparada pelo autor de* Bichos *ao garatujar na tampa dum túmulo.*

Estilista sóbrio, dono dum verbo musculado, conciso, saboroso, Moniz Barreto tem nesta colectânea páginas magníficas. Leia-se, por exemplo, esta passagem:

«No dia em que o rufar de um tambor brutal abafou a voz do último Capeto, falando aos tempos da janela da Eternidade, alguma coisa expirou que não mais voltará. O cesto vilipendioso em cujo fundo a cabeça degolada imprimiu os dentes azedos da acridão da derrota, levou dentro de si para o cemitério dos vulgares criminosos uma história e um espírito. A Auriflama e a Ambula, a testa consagrada que pensava por todos, as mãos ungidas que impostas saravam, a velha França e a velha Europa, o que havia de excelso ou ignóbil na fidelidade magnânima e na servil idolatria, tudo isso passou espirrado num jacto vermelho. Na verdade naquela manhã de Inverno de um final de século, alguma coisa morreu e morreu de vez». *Logo adiante:* «E da estranha escachada saiu um clarão como um ralâmpago, porém, direito. A Revolução parira uma espada e essa espada era um homem».

Há que ler nestas páginas que o zelo inspirado de Castelo Branco Chaves em boa hora resgatou, dotando-as além de mais de preciosas notas críticas e de um discreto prefácio. É preciso ler este nosso malogrado crítico e com ele aprender a espancar as nacionais quimeras, bem como os traficantes destas, desde os taxidermistas de mortas apologéticas aos solipsistas do Verbo (um poeta-pudim como Alberto de Lacerda, v. g.), aos incríveis defensores do Cogito lusitano (o «movimento 57», v. g.) ou dos Pangloss de estulto optimismo que garantem viver no melhor dos jardins possíveis entre tantos à beira-mar plantados.

JOÃO MEDINA

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) AUTORIZADO COM CORTES

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 16/5/64
Prova n.º 60
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO (SÉDE)
COM CORTES

TONY POR TOM
a propósito de Tom Jones

O século XVIII — século das luzes chamado — viu a essas mesmas luzes uma problemática que certa miopia bem intencionada tem vindo a querer confundir ou assimiliar à nossa. Assim, uma determinada visão da história e da arte por pouco entender de história e menos de arte, deleita-se compadecida e esperançadamente na utopia dum possível 1989 (somos assim supersticiosos em 1964) e acredita com fé pouco luminosa e pouco raisonnable que vivemos — nós também — na véspera de amanhãs gloriosos, por entre as deslumbrantes cintilações da luz que tudo guia e as trevas luxuriosas dos últimos luíses quinzes.

A esses, que assim e parafraseando o maior poeta português vivo, «de coração cheio de esperança ouvem só festa onde só há desordem»[1], *forçosamente escapa esta verdade comezinha: que se há século, para nós exemplar, esse é o barroco e maneirista século XVII. Que é com ele — século das Contas-Reformas estabelecidas, dos Príncipes soberanos, dos cartesianismos geométricos, das «methésis universalis, das Princesas de Cléves e dos escatológicos sermões de Bossuet e de Vieira — que temos que aprender o que custa recordarmos, a fim de que se saiba que as luzes destes nossos lampadários são ainda Jerónimo Baía e de cristal.*

O século XVIII é para nós — pelo menos no Ocidente — a história da vez que era e que é, o século XVIII tem para nós — neste mesmo ocidente — um intereses meramente arqueológico, a não ser na medida (e é larga) em que nela se prolonga o anterior[2]. ~~É que nem mesmo~~

[1] ~~Jorge de Sena, O Indesejado.~~

[2] É evidente que o Século XVIII que aqui e para aqui se considera irrelevante é o século XVIII luminoso, pangloniano e o superficialmente optimista. Não o que — prolon-

Cortes a vermelho 29-V-64
R [illegible]

mantem-se este corte

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 26/5/64
Prova n.º 61
Saída em 28/4/64

gando o anterior — deu o barroco alemão, Buxtenhade e Bech, ou o italiano, ou — para tudo dizer — Wolfgang Amadeus Mozart. Esse é ainda a mesma história — a de todos nós. ~~os nossos déspotas se podem considerar esclarecidos.~~

Vem este arrazoado a propósito da voga e voga de obras que a esse século vão buscar matérias, com intuito moralizante que porventura tiveram mas que aqui e agora não tem nem podiam ter. Roger Vailland abriu a senda — ou talvez nem isso — e digeriu confusamente o arquitipo Laclos em banho de Stendhal com condimentos mais apropriados. Muitos outros o imitaram e até foram laureados. Chegou agora a vez de Tony Richardson, realizador inglês, formado pela «engry generation» que recebeu — o século e as luzes — em 2.ª via, por intermédio de John Osborne. A vítima foi Heney Fielding que escreveu no seu tempo uma excelente novela — Tom Jones — e que jaz, para castigo e exemplo, na mais provinciana capital do ocidente. Se não fosse a moral — a tal da história — nenhum mal haveria nisso e até podia haver bem. Assim, com moral em vez de história, Tony em vez de Tom, imagens em vez de cinema, e luzes a mais e naturais, o logro é evidente mas atrai. Pelo menos os que insistem em apenas ver o que entevêem, o que nunca é bom princípio, ou, em matéria de moral, transpõem para o contexto luminoso, as luzes que acreditam por chegar. Ignoram, não sabem (ou não perceber) que, nesse capítulo, o século XVIII, se teve de facto um moralista, foi o excelente Marquês de Sade. O qual, como não cabe nos esquemas, fica de fora à espera que o esperem como antítese. O que não tardará, pois que de bons exemplos e boas maneiras todos gostamos. Deveras, já que, assim «burgueses somos nós todos, burgueses desde pequenos, burgueses ou ainda menos» *(M. Cesaring de Vasconcelos).*

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 140
Saída em 28/5/64
SERVIÇO DE CENSURA VISADO 15 COMISSÃO DE LISBOA

FRAGMENTOS DE «JUAN DE MAIRENA» («Sentenças, ditos, apontamentos e recordações de um professor apócrifo»)

— Se alguma vez cultivardes a crítica literária ou artística, sede benévolos. Benevolência não quer dizer tolerância para o ruim ou conformidade com o inepto, mas vontade do bem; no vosso caso, desejo ardente de ver realizado o milagre da beleza. Só com esta disposição de ânimo a crítica pode ser fecunda. A crítica malévola exercida por avinagrados e melancólicos é frequente em Espanha e nunca descobre nada de bom. A verdade é que não o busca nem o deseja.

Isto não quer dizer que crítica malévola não coincida mais de uma vez com o fracasso de uma intenção artística. Quantas vezes temos visto uma comédia inferior furiosamente apedrejada por uma crítica muito pior que a comédia!

★

Para os tempos que se aproximam há que estar certo de alguma coisa. Porque serão tempos de luta e havereis de tomar partido. Ah! Sabeis vós o que isto significa? Para já, renunciar às razões que possam ter os vossos adversários, o que vos obriga a estar duplamente certos das vossas. E isso é muito mais difícil do que parece. A razão humana não é filha, como alguns crêem, das disputas entre os homens, mas do diálogo amoroso em que se busca a comunhão pelo intelecto em verdades, absolutas ou relativas, mas que, no pior caso, são independentes do humor individual. Tomar partido é não sòmente renunciar às razões dos vossos adversários, mas também às vossas, abolir o diálogo, renunciar, em suma, à razão humana. Se o reflectirdes demoradamente, compreendereis o árduo problema do vosso porvir: haveis de retroceder ; barbarie, carregados de razão.

★

Eu sempre vos aconselharei que procureis ser melhores do que o que sois; de nenhum modo que deixeis de ser espanhóis. Porque ninguém mais amante nem mais convencido das virtudes da nossa raça do que eu. Entre elas devemos contar a de sermos muito severos para nos julgarmos a nós próprios, e bastante indulgentes para julgarmos os nossos vizinhos. Há que ser espanhol, com efeito, para se dizer as coisas que se dizem contra a Espanha.

SIhi

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 191
Saída em 28/4/64
VISADO 15 COMISSÃO DE LISBOA

Mas nada advertireis nisto que não seja natural e explicável. Porque ninguém sabe de vícios que não tem, nem de dores que não o afligem. A posição é honrada, sincera e profundamente humana. Convido-vos a perseverar nela até à morte.

Os que falam de Espanha como de uma razão social em que é preciso a todo o custo acreditar e defender no mercado mundial, esses para quem o reclamo, os aplausos e a ocultação de vícios são deveres patrióticos, poderão merecer, concordo, o título de bons patriotas; mas de nenhum modo o de bons espanhóis.

Digo que poderão ser bons patriotas, porque pensam que a Espanha é, como quase todas as nações da Europa, uma entidade essencialmente para ser discutida, destinada a jogar tudo numa grande contenda, e que convém não mostrar o ponto fraco e reforçar os recursos polémicos, sem esquecer o orgulho nacional, criado mais ou menos artificialmente. Mas pensar assim é profundamente anti-espanhol. A Espanha não pelejou nunca por orgulho nacional nem por orgulho de raça, mas por orgulho humano, ou por amor de Deus, o que vem a ser o mesmo.

★

Só em seus momentos ociosos pode um poeta dedicar-se a interpretar os sonhos e a rebuscar neles elementos para utilizar nos seus poemas. A oniroscopia não produziu até hoje nada de importante. Os poemas da nossa vigília, mesmo os menos conseguidos, são mais originais, mais belos e, ás vezes, mais disparatados que os dos nossos sonhos. Diz-vos isto quem passou muitos anos da sua vida pensando o contrário. Mas mudar de opinião é próprio de sábios.

É preciso ter os olhos bem abertos para ver as coisas como elas são; mais abertos para as ver diferentes do que são; mais abertos ainda para as ver melhor do que são. Aconselho-vos a visão vigilante, porque a vossa missão é ver e imaginar acordados, e que não peçais ao sono mais do que repouso.

★

A política, senhores — continuar a falar Mairena — é uma actividade importantíssima. Não vos aconselharei nunca o «apoliticismo», mas, em último termo, o desdém da má política, feita por trepadores e videirinhos, sem outro propósito que o de obter lucros e colocar os parentes. Vós deveis «fazer política», ainda que outra coisa vos digam os que

O TEMPO E O MODO—N.º 15
Provas remetidas à Censura
em. 20/5 /64
Prova n.º 142
Saída em 28/9 /64
VISADO 15 COMISSÃO DE LISBOA

pretendem fazê-la sem vós e, naturalmente, contra vós. Sòmente me atrevo a aconselhar-vos que a façais de cara descoberta; no pior caso, com máscara política, sem disfarce de outra coisa, por exemplo: de literatura, de filosofia, de religião. Porque de outro modo contribuireis para degradar actividades tão excelentes, pelo menos, como a política e a turvar a política de tal modo que já não podemos nunca entender-nos.

★

O encanto inefável da poesia que é, como alguém certeiramente assinalou, um resultado das palavras, dá-se por acréscimo em prémio a uma expressão justa e directa do que se diz. Naturalidade? Não queria eu com este vocábulo, hoje desacreditado, concitar contra vós a malquerença dos «virtuosos». A natureza é apenas um alfabeto da língua poética. Mas há outro melhor? O natural costuma ser, em poesia, o bem expresso e, em geral, a solução mais elegante do problema da expressão. Quod elixum est ne assato diz um provérbio pitagórico; e alguém, com mais ambiciosa exactidão dirá um dia: Já não lhe toques mais, porque assim é a rosa [1].

[1] Estes dois versos constituem um poema de Juan Ramón Jiménez intitulado «El Poema». *(N. do T.)*

Sabeis que em poesia, sobretudo em poesia, não há volta ou rodeio que não seja uma afanosa busca do atalho, de uma expressão directa; que os tropos, quando supérfluos, nem aclaram nem enfeitam, mas complicam e turvam; e que as mais certeiras alusões ao humano se fizeram sempre na linguagem de todos.

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 143
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

GALERIAS DE LISBOA

Um interesse anárquico pelas coisas de arte alastra agora, traduzindo-se no aumento constante de salas de exposição que se deslocam do centro ca capital e, regra geral, dificilmente hão-de sobreviver sem orientação criteriosa, enquanto os pintores continuam a emigrar sem estímulos criativos locais ou senão por pura sobrevivência profissional.

Numa cidade longamente fechada numa arte de província, sùbitamente criam-se núcleos de uma arte de bairro, invadidos por amadores de triste destino, que se confundem e confundem um público com difíceis possibilidades de escolha, limitado entre um academismo desqualificado e quadros pretensiosos, pretensamente modernos.

Entre a senilidade dos académicos e o arrivismo desses «informalistas», aperta-se um círculo viciado de péssimas críticas em jornais diários, em órgãos ditos de cultura, de bolsas atribuídas sem critério, de prémios desvalorizados. Lisboa esbraceja cufocada sob o peso de um tempo morto e uma urgência de actualidade, caricaturizada de padrões que mal sabe entender. Veio o turismo; e o turismo é o pior processo de trazer o mundo moderno a Portugal. Logo ao lado de um imponente hotel da Marquês de Pombal, surgiu uma galeria onde se encontram composições primárias, rodeadas de garrafas de vinho do Porto e bonecos à moda do Minho. Tal exemplo tende a multiplicar-se. No Algarve, em breve, teremos não apenas o mar e o sol, mas os artistas modernos que, para os devidos efeitos, devem ser importados do Palácio Foz da Galeria Nacional de Arte, da «Época», do «Varela» e do Casino Estoril, mundano e elegante no qual, à falta dos museus Léger, Picasso e Matisse, do Sul da França — que não temos nem poderemos ter — o crítico Máxio de Oliveira faz o que pode, ou seja, pouco e mau.

Slhj

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 144
Saída em 28/4/64
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE
SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO
2

O verificado é triste e lógico sucedâneo da visão de arte instaurada nos Restauradores, iniciada na confusão do decorativo com o criador, do regionalismo superficial para o cosmopolitismo de fachada. Quantos nisso colaboram ou transigem, prosseguem numa cumplicidade verdadeiramente fraudulenta, englobante de entidades dos diversos sectores de opinião.

A solução emigratória assim se justifica a vários dos jovens pintores autênticos que se recusam a tão infeliz colaboracionismo. Outros, bem poucos, ficam numa estica resistência moral que os sujeita a verem as suas obras iludidas — louvadas ou atacadas — com idêntica impropriedade nas colunas do «Boletim Arte», da «Seara Nova», do «Diário de Notícias» ou no jornal «República».

Entretanto, com diminuta capacidade de iniciativa particular, perante a quase total indiferença de organismos com a responsabilidade da Fundação Calouste Gulbenkian, arrisca-se perigosamente o futuro da arte moderna portuguesa.

UM GRANDE ARTISTA CHECO NA «GRAVURA»

A pequena sala da Travessa do Sequeiro é um dos pontos nevrálgicos de Lisboa onde se luta pela dignidade artística. Por isso, de há muito, merece a nossa homenagem, merecendo pela recente mostra de Jiri Kolar a nossa gratidão.

No país que foi pátria de Kupka, de Kafka e Rilke, só recentemente, após o advento do regime actual, a capacidade inventiva pôde começar a libertar-se de peias impostas pela ortodoxia do realismo socialista.

As obras de Kolar aparecidas na «Gravura» revelam-se pois dum selo de clandestinidade que, para além de significados imediatamente sentimentais, afirma a universalidade como situação do homem

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 145
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE ...

moderno, sobrevivente e resistente a todos os entraves da sua imaginação; pelo imaginário verificando as possibilidades de reentendimento de antigos mitos e valores, num jogo duplo de atracção e repulsão, num respirar orgânico da História, olhada com drama e ironia: provocatòriamente, como fatalidade e indeterminismo. Os trabalhos de Kolar são de evidente provocação estética e ontológica, já veremos porquê. Kolar joga dadaìsticamente com a história da arte. Uma estátua grega decompõe-se na vertigem brilhante de borboletas multicolores, obtidas na decomposição do tema inicial e sua reconstituição por colagem. A peça oferece-se no movimento simultâneo de dois impulsos opostos: de corrosão e de invenção.

Em excelentes rolagens, o artista gradua por relevos movediços a superfície plástica e desagrega imagens tradicionais ao nível do alucinatório, que logo a ironia invade, intervindo numa iconografia fascinante e absurda.

Meditações sobre o gosto maneirista de Desidério Monsu e de Arcimboldo são certas obras de Kolar e, numa delas, é o mundo trágico e violento de Goya a ser evocado, por formas agudas e cortantes numa coreografia de anatomias despedaçadas, plenas de esplendor cromático. A arte de Kolar decorre sob um signo de inquietação romântica que no riso pùdicamente se cobre e mais profundamente se descobre. Decorre no entendimento da linha subterrânea que une o momento maneirista ao tempo surrealista, idênticamente derivados de abissais crises éticas e sociológicas que abalaram concepções de gosto e mentalidade. Com ambos os movimentos se definiu uma situação de ambiguidade, concebida no abandono de estruturas convencionadas cuja sedução pesou e dinamizou num esforço pelo dever.

E numa perspectiva da arte contemporânea, verifica-se que uma ambiguidade fundamental foi crescendo, quer através

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

3

Slhi

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 176
Saída em 28/5/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

do circuito estabelecido com a interpenetração dos planos formas-fundo, vindo de Cézanne, pelo cubismo, para a abstracção construtiva, quer no desenvolvimento de uma sensibilidade ôntica de raiz surrealista, proclamando, tal como sucedeu no melhor expressionismo, o furor do subversivo sentido paixão-destruição, conquista de inocência essencial, tensão íntimo-exterior, dramàticamente casados. E, mais perto de nós, a criação pictórica afirmou-se por caminhos da abstracção lírica, na síntese dinâmica das duas propostas.

Kolar tem uma exigência de construção plástica, de objectividade, equivalida a alto fervor poético, subjectivo. No seu «Nascimento de Vénus», ao belo sonho botticeliano de plenitude humanística, sobrepõe uma rede de formas opacas intervaladas matemàticamente, de modo a permitirem a aparição da imagem decomposta, emergente do fundo para a superfície, onde se alonga e multiplica de aspectos convergentes, cuja nitidez é inversamente proporcional à distanciação tomada pelo contemplador, ou variável conforme à posição no espaço desenvolvido entre o quadro e o fruidor.

O espaço na arte de Kolar deriva da interpenetração constante fundo-formas, nisso algo se invertendo dos processos espectaculares do «trompe l'oeil» clássico. Ao espaço teatral e cénico, opõe Kolar um espaço cinematográfico. As figuras não se lhe situam numa profundidade artificial. Surgem artificiosamente metamorfoseadas a partir de uma superfície, de um écran respeitado com o máximo rigor. Realizam-se mediante a nossa participação directa, na maneira como nos volvermos em seu torno, de acordo com a nossa intimidade sensual e sensível.

A arte de Kolar provoca *o espectador. Necessita-o e, sobretudo, exige-o.*

A «Vénus» nasceu-lhe num labirinto de fragmentos que a reflectem como vivendo nos palácios encantados, espelhados da

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 192
Saída em 28/4/64
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LUSA

ficção de Kafka para as telas de Vieira da Silva, e da pintura do após-guerra para o cinema maneirista do Alain Resnais de «L'Année Dernière à Marienbad».

Nasce dum tempo submerso que a nossa memória habita, provocante do tempo íntimo das nossas necessidades, anseios e nostalgias.

Artista capaz de sofrer quanto do mais puro une o moderno à tradição, Kolar, poeta de uma terra onde a estética do maneirismo e a do surrealismo tiveram importantes cultores, demonstrou-nos ainda como um genuino enraizamento nacional só cresce na vivência de uma universalidade sem transigências. Também por esse prisma o lembrando, recorda-se a sua presença como de excepcional provocação ao provincianismo português, tuguês, como puro grito de amor.

A «DIVULGAÇÃO» E OS PINTORES DO PORTO

A arte moderna tem assumido no mais alto grau uma problemática contemporânea que, se bem me parece, poética e filosòficamente, só é apreensível numa óptica de ambiguidade e universalidade. Importa que o Portugal dos nossos dias a entenda para nisso poder demonstrar uma capacidade de se entender no mundo que se vai construindo e no destino que o mundo lhe vai forjando.

Entre o pensar e o sentir, entre a meditação e o acto, exige-se hoje uma fusão e uma capacidade de risco que a pintura ou a poesia criaram mundialmente. Toda uma nova sociologia da arte tem crescido, comandada por espíritos da brilhante lucidez dum Pierre Francastel, enquanto no actual tempo português apenas os trabalhos notáveis de José-Augusto França definem uma consciência estética e sociológica das coisas das artes plásticas acontecidas no País.

Para além do seu caso e de poucos de entre os seus pares, capazes de servirem

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/1964
Prova n.º 742
Saída em 28/4/64
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA
SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO
6

de mestres às novas gerações, arrasta-se entre nós um coprotamento intelectual verdadeiramente oitocentesco altamente estéril.

Uma formação escolar desactualizada, aliada a uma falsa cultura, só sentimentalmente reagindo às vicissitudes locais, viciam longamente a possibilidade de nos acertamos ao complexo mais vasto e bem mais exigente de novas verdades, de verdades que precisamente os moços pintores procuram através da emigração parisiense, londrina, alemã, ou mesmo já apreensíveis nas grandes cidades espanholas. Uma espressão típica da falseação sensível e mental na estreiteza dos horizontes pátrios, encontramo-la no movimento neo-realista que, animado de louváveis intenções éticas, nunca se revelou coerente pela realização de obras que pudessem ser objectivos testemunhos civilizacionais.

Quase em regra geral, os seus membros mantiveram-se antes num protestarismo sentimental de costas voltadas aos fenómenos artísticos do Ocidente, de cujo contexto cultural e sociológico fazemos parte, e, por mais divorciados que dele estejamos, num penoso divórcio connosco próprios.

Assim, podemos dizer nada dever a melhorar a pintura moderna portuguesa ao Portugal oficial, muito pouco devendo ao intelectual, um e outro ensimesmando-se num nacionalismo comum, embora com origens de sinais contrários. Cada nação tem a arte que merece na história de que for capaz. E que um escritor neo-realista escreva não ver na crítica de arte outra coisa além de «especulação literária», isso nos obriga a perguntar que consciência terá Manuel Mendes do sentido actuante da crítica que realmente vem tratando ao nível da «especulação», e da literatura 6èrição,lulsep segurohli

Tais palavras temos lido saídas da pena de vários autores, os quais, conforme se há-de verificar, sendo seus adversários

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/1964
Prova n.º 149
Saída em 28/5/64
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

em certos planos, se lhe irmanam na mesma idade mental. Divergindo dos primeiros e do segundo, cremos serem os actos (e os escritos são actos) processos de acção cuja responsabilidade moral não se coaduna com a facilidade «literária». E mais pensamos serem as obras de arte fenómenos históricos de importância primeira para o entendimento de um destino de que não queremos abdicar.

Este facto significante da responsabilidade de Manuel Mendes, dá-nos uma razão confirmada na mostra de «Artistas do Porto», apresentada na Galeria «Divulgação», recentemente inaugurada em Lisboa e de cujo participar no contexto do gosto português bem mais há a prever.

Dois factores contribuíram para o desenvolvimento precário da arte contemporânea na capital nortenha: a Escola de Belas-Artes e o movimento neo-realista. E o Porto deu à pintura portuguesa quatro nomes de importância, dois deles se havendo aproximado ocasionalmente da mencionada tendência. Referimo-nos, por ordem de idades, a Dordio Gomes, Júlio Resende, Fernando Lanhas e Manuel D'Assumpção. Em especial sobre os dois mais jovens note-se como a sua plenitude já foi alcançada à margem de uma formação escolar ou de qualquer ortodoxia realista. Fernando Lanhas participou do anti-naturalismo processado pela abstracção geométrica do Suprematismo e de Mondrian, cujas estilizações se cruzaram com as propostas cubistas, levando às mais ascéticas consequências as transformações que o grupo de Picasso e Braque realizara no plano das formas. Com a sua pequena obra, Lanhas, impulsionador de uma corrente com poucos continuadores (Nadir Afonso,, Artur da Fonseca, Gariso do Carmo), garantiu um lugar único na pintura nacional que o Porto não soube perceber e a que os artistas de Lisboa, atraídos ou descendidos pelos valores líricos do surrealismo, não deram larga continuidade.

SERVIÇOS DE CENSURA
(6200)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
COMISSÃO DE LISBOA
VISADO
15
SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE)
CORTADO

Ausente Lanhas na nova Galeria, aí o lugar de honra coube a Manuel D'Assumpção. Este artista deve a sua experiência a um estágio parisiense que o pôs em contacto com o abstraccionismo lírico imposto em França por criadores de diferentes nacionalidades e na reabilitação do impressionismo paisagístico, como no reentendimento do expressionismo musical de Kandinsky, Klee ou Kupka.

De regresso a Portugal, D'Assumpção expôs notáveis telas onde demonstrou claro domínio do espaço pictural, serena e rìtmicamente desenvolvido numa invenção de transparências luminosas acertadas a sucessões tensas de formas musicais e hàbilmente organizadas.

Posteriormente fixado no Porto, não mais a sua arte se desenvolveu. D'Assumpção aproximou-se do informalismo mas, continuando a demonstrar-se rico de recursos técnicos, permanece aquém da capacidade inventiva que se lhe poderia ter atrimuído.

O seu quadro de maiores dimensões visto recentemente («A Grande Emoção», em homenagem a Tchaikowsky) era com certeza a melhor das peças expostas, preso contudo a soluções de construção cenográfica, assaz evocadoras de um estilo «Munique 1920» que foi ponto de partida, já distante, das sendas por que D'Assumpção enveredou e parece incapaz de desenvolver lògicamente.

Como Lanhas, Resende é um artista bastante estimável pelo seu papel desempenhado. Como D'Assumpção, Resende afigura-se-nos impotente para dar continuidade à aventura por si iniciada através da proximidade da melhor arte europeia do seu período juvenil. Havendo evoluído de um pós- cubismo atravessado de influências expressionistas ou fauves, Resende passou pelo lado artesanal através de caminhos figurativos para uma fronteira da abstracção lírica que, nem intelectual nem poèticamente, estaria preparado para franquear.

8

R X.

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 151
Saída em 28/4/64
VISADO 15 COMISSÃO DE LISBOA
SERVIÇOS DE CENSURA (SNI-DGE) CORTADO

O seu mérito como autor de um retrato lusitano, acordante a uma situação vivenciada da arte ocidental é, de qualquer modo, imenso e exemplar; dum exemplo contrário ao folclorismo dos pintores de António Ferro. Resende percorreu e fechou um ciclo possível da pintura figurativa. Por isso dificilmente poderá ter continuadores directos e quantos imtiam os esquemas da sua figuração se condenam à prática de pobres telas assaz consoantes a uma empobrecida imaginação, de que em Lisboa foram amostras as produções de Gastão Seixas e Luís Demée.

Dordio Gomes deverá ser colocado junto do fauvismo tímido de Abel Manta, ao de raro lhe equivalendo em qualidade realizacional e, aliás, animado de outro furor expressivo que tem sugerido mais que concebido. Dordio Gomes é professor da E. S. B. A. do Porto e Augusto Gomes, com cerca de menos vinte anos, também, sem que a diferença de idades se transponha para diferenciáveis exigências plásticas. Datada de 1953, «Esperança» é, na verdade, uma obra de data remota, fora do panorama doméstico em geral, ou portuense em particular, cabendo perfeitamente ao lado do neo-realismo de Lima de Freitas.

Amândio Silva e Jorge Pinheiro são assistentes da devoradora escola nortenha que longamente mereceu de um prestígio progressivamente sem razão de ser. Ambos praticam uma pintura inqualificável ou projectam tapeçarias que só cedem em vulgaridade às «cenas históricas» de Martins da Costa, saído do mesmo viveiro.

Idêntica classificação nos merece o professor Armando Alves. O mais novo dos expositores era Ângelo de Sousa, o único de entre os companheiros jovens a não ter passado pela aprendizagem oficial e talvez por isso, não obstante a sua carência de agilidade, certas esperanças deixando consentir.

Fechado sobre si próprio, o Porto reduzido à condição de cidade de província onde os ventos da Europa mal hão-de chegar, ainda não mereceu da situação de comando no gosto pátrio, de que foi detentor na época liberal e romântica, para

9

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/1964
Prova n.º 152
Saída em 28/4/64

lá da qual não soube ou não pôde situar-se como cidade do século XX e, ao contrário, do que, por ingenuidade reaccionária, o neo-realismo chegou a julgar.

OS UNIVERSITÁRIOS E A GALERIA «111»

Impõe-se um contacto constante e íntimo de Lisboa com o resto do País e urge que Portugal se encontre com a realidade universal. A juventude universitária tem revelado positiva consciência dum comportamento moderno e, visando especialmente os seus interesses, abriu há meses, junto às novas Faculdades, a «Galeria 111», dirigida pelo sério e moço escultor Fernando Conduto.

Na «111» foram recebidos Joaquim Bravo e Álvaro Lapa, artistas eborenses, susceptíveis de se alçarem por meritório esforço individual, a situações de uma arte de vanguarda, só requerendo maior amadurecimento oficinal. Os seus casos demonstram à evidência a possível recusa de fatalismos do atraso local. Aos dois se vieram acrescer quadros do que será, com os seus dezassete anos, o mais adolescente dos nossos pintores: Palolo. Este último apresentou uma pintura vibrátil, de intenso carácter lúdico onde o universo mecânico e propulsista dum Fernand Léger se reconstrói e se nega numa abstracção divertida e gritante, incapaz por ora de se fixar na ironia e gravidade que pretende tomar.

Mas na mesma sala temos presentemente os desenhos de Eurico Gonçalves, artista que dispensa interesses benevolentes para se prometer criador da estirpe rara de Almada ou de Lemos, na tradição tão equívoca quanto equivocada do actual desenho português. Com os trabalhos de Eurico, com a pintura de João Vieira na Galeria «Divulgação», simultânea das exposições «12 Artistas de Paris» e «Arte Sacra Alemã», a cidade vive um dos seus preciosos momentos da corrente temporada artística. Dela continuaremos a ocuparmo-nos na próxima crónica.

FERNANDO PERNES

SERVIÇOS DE CENSURA (ex-DGE) CORTADO

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 1.ª
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

VISADO 15 COMISSÃO DE LISBOA

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

NEO-NAZIS, PALEO-NAZIS, NAZIS E OUTROS

Ao som de altissonantes tambores, a Alemanha lava a sua consciência em maravilhosamente encerrados julgamentos como o que agora se realiza para julgar os criminosos de Auschwitz. Mas, ao mesmo tempo que bate arrependidamente com a mão no peito (e na carteira), a mesma Alemanha mostra que ainda não se arrependeu tanto como nos quer fazer crer: enquanto se realizava o julgamento dos criminosos de Auschwitz (em 11-3-64), o presidente da República Federal da Alemanha, Dr. Heinrich Luebye, condecorava o Dr. Heinrich Buetefisch, ex-tenente coronel das SS, com a Grã Cruz da Ordem de Mérito Federal; este bom ariano foi, durante a guerra, além de SS, um dos membros da administração da IG Farben e director das fábricas desta companhia em Seune.

Nestas fábricas (onde só se usava trabalho forçado) morreram várias centenas de milhares de pessoas (não arianos, bem entendido). O Dr. Buetefisch foi condenado pelo tribunal de Nuremberga, em Julho de 1948, a 6 anos de prisão.

mantido
o "corte"

© TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 762
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
(SÉDE)
CORTADO

(Quando o semanário «Die Jat», dez dias depois, deu a notícia, o governo federal desculpou-se, dizendo que não sabia que o Dr. Buetefisch tivesse tais actividades.)

Este facto, isolado, põe em relevo muitos outros: que os tribunais de Nuremberga serviram para argmento de livros e filmes mas que hoje para mais nada servem; que ex-nazis estão hoje infiltrados em toda a Alemanha; que ninguém repara neles; que às vezes até os condecoram. E se nos lembrarmos que 3 ministros dos refugiados foram demitidos por serem ex-nazis, que um tribunal para julgar os ex-nazis foi dissolvido porque os 3 juízes eram ex-nazis, que um ex-nazi foge da prisão e ninguém faz nada, se nos lembrarmos disto veremos que não são só os indivíduos que têm 2 caras: as nações, as grandes nações, as maiores nações também as têm. E entre as duas caras — ou melhor: entre a cara e a máscara — quem quiser que escolha.

S. M.

1

O TEMPO E O MODO—N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 167
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

WHAT'S HAPPENING IN SOUTHERN RODHESIA?

O leitor mais ou menos avisado dos negócios internacionais, que leia com mais atenção a nossa imprensa já deve ter perguntado a si mesmo «*What's happening in Southern Rodhesia*». E não sem razão, junte-se. Vejamos porquê. A Rodésia do Sul é um território inglês provido de auto-governo de 1923; goza de inteira autonomia interna mas não constitui uma nação soberana; o poder constituinte reside no Parlamento Inglês — e foi este quem deu à Rodésia do Sul autonomia interna. A Rodésia do Sul foi integrada em 1953 na Federação das Rodésias e Niassalândia (Central African Federation) hoje em vias de dissolução rápida baseada exclusivamente nos interesses económicos: a Niassalândia fornecia mão-de-obra para as minas de cobre da Rodésia do Norte e para as minas de ouro e carvão da Rodésia do Sul (que tem uma enorme falta de mão-de-obra).

A Rodésia do Sul tem uma população de 221 000 europeus, 10 700 mulatos e 3 600 000 africanos (em 1962). Apenas 1 % da população negra tem direito de voto e só em 1961 é que pôde eleger ¼ de deputados para o Parlamento do território.

Vendo mais fundo na realidade rodesiana vemos que segundo o *Land apportionnement Act de 1941* (Lei de distribuição da terra) a minoria europeia possui 51 987 000 acres dum total de 97 milhões de acres. Assim cerca de 7 % da população possui cerca de 55 % das terras — e certamente que não escolheu as piores — enquanto 93 % da população possui 30 milhões de acres, cerca de 30 % do total (os restantes são incultiváveis). Em 1960 a comissão Monckton do Par-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Autorizado c/ cortes a vermelho 29-V-64
[illegible]

O TEMPO E O MODO—N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 164
Saída em 28/4/64

2

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

SERVIÇOS DE CENSURA
CORTADO
(SEDE)

...mento inglês, recomendou mudanças drásticas, que nunca foram realizadas se bem que o *Land apportionnement act* tivesse sido revogado; o mesmo relatório Monckton recomendava que terminasse o sistema de passes para trabalhadores (motivado pela falta de mão-de-obra). Grande parte da economia da Rodésia do Sul é controlada pelo Barclay's Bank, ligado a South African Company, ligada a ... (é melhor pararmos aqui). E com este belo cenário como fundo que o primeiro-ministro Winston Fuld é forçado pelo seu ministério a demitir-se (igual sorte, por iguais razões tinham tido os seus predecessores Garfield Todd e Edgar Whitebaad). Quais as razões desta revolução de Palácio? O governo inglês não está disposto a conceder a independência a uma Rodésia do Sul dominada por uma minoria; só o fará desde que os negros dirijam o governo; ora, como Winston Field desejava seguir o caminho das negociações tomando posições demasiado brandas o seu governo encarregou-se de o substituir. A situação agrava-se: em 16-3-64 a comissão de descolonização da O. N. U. chamou a atenção do Conselho de Segurança para a R. S.

O que é que vai acontecer agora? O governo inglês, temeroso de perder as próximas eleições, em que joga o seu futuro, nada fará a favor duma minoria de loucos e de fanáticos. Dois caminhos se abrem a esta minoria: ou segue o caminho da legalidade e da legitimidade que consiste em obedecer ao Parlamento britânico e conduz a uma sociedade multirracial, ou prefere o caminho da ilegalidade e da ilegitimidade que vai dar, direitinho, à guerra civil (para a qual aliás essa minoria já está preparada com o seu exército de 14 000 homens, as suas milícias com 9000, a sua aviação).

S. M.

Informativo e julgo de publicar c/ cortes por [illegible] serem algumas passagens inconvenientes.

R L

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 165
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

Autorizado com cortes
CORTADO
a remeter
29-V-64

~~ALGO DE ESTRANHO~~ EM ZAMZIBAR

Conforme é do conhecimento geral, um mar de agitações invade a África ~~(vide, por exemplo, a colecção completa do Diário de Notícias)~~; essa agitação chegou agora à minúscula Zamzibar e à ainda mais minúscula Pemba. Quando o sultão H. H. Seyid Sir Abdullah ben-Khalifa foi deposto por uma revolução. ~~As causas dessa agitação é que, infelizmente, são menos conhecidas e estudadas que a dita agitação. Vamos pois seguir o caminho inverso:~~ comecemos por nos interrogar sobre o que é Zamzibar.

Geogràficamente Zamzibar é uma pequena ilha estratègicamente situada junto à costa oriental de África; històricamente desde o «Periflus» grego (60 d. C.) onde aparece citada sob o nome de Menuthias, é conhecida e é objecto de lutas: ocupada pelos portugueses desde 1563 a 1698 quando passa para as mãos dos árabes que só a perdem definitivamente em 1890 quando passa para a esfera de influência inglesa. A população conta 200 000 negros, 44 000 árabes, 16 010 indianos, 700 goeses e 300 europeus. Econòmicamente Zamzibar produz 80 % da produção mundial de cravinho da índia que constitui 75 % das exportações; estas têm vindo a diminuir de valor devido à queda dos preços das matérias-primas; a pesca e outras actividades agrícolas esgotam a economia de Zamzibar; resta-nos apenas assinalar o papel dos vários grupos rácicos na produção: os negros trabalham nos campos que pertencem às comunidades europeia e árabe; o comércio interno está nas mãos dos árabes que controlam também parte da exportação, em-

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 20/5/64
Prova n.º 166
Saído em 28/7/64

VISADO
SERVIÇOS DE CENSURA
CORTADO
(SIC)
SERVIÇOS DE CENSURA

bora esta seja primordialmente europeia (se bem que os Estados Unidos tenham uma considerável influência, tendo sido o primeiro país a abrir um consulado em Zamzibar). Politicamente, Zamzibar foi entre 1890 e 1960 um protectorado britânico, integrado na África Oriental Inglesa, tendo como regime interno um sultanato.

E aqui vem desembocar a actualidade: em 1963 a Inglaterra concede a independência que não se traduz em nada; a tão apregoada independência não trouxe a mínima transformação; ao ver isto a grande massa da população sentiu-se naturalmente frustrada; estava assim criado o clima psicológico que possibilataria a revolução: esta vem porque, através da nova independência, mantinha-se, se é que não se agravara, a ditadura político-económica duma raça (que por acaso é também uma classe social) sobre outra raça (que por acaso também constitui uma classe social): a ditadura dos árabes sobre os gregos. A revolta destes é pois fruto dum prolongado mal-estar económico que uma mera independência formal não conseguiu diminuir. A revolução de Zamzibar veio pois pôr termo a semelhante statugno; e a recente união entre a jovem República Popular de Zamzibar e a República do Tanganica terá como consequências a curto prazo estabilizar — em todos os sentidos do termo — a jovem revolução.

S. M.

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 21/5/64
Prova n.º 173
Saída em 28/4/64

COMISSÃO DE CENSURA DE LISBOA
15
VISADO

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

que equivale a perguntar «o que é a verdade?» (Godard: «Sim, **Le Grand Escroc** é um filme puramente didáctico. Pareceu-me interessante, uma vez que o «cinema-verdade» existe, parafraseá-lo através de uma história simbólica».)

— E o que é o «cinema-verdade»?

Um epiteto colado pela crítica francesa a uma tendência documentarista, representada pelos filmes de Jean Rouch (ele próprio discípulo confesso de Jean Vigo, Dziga Vertov e Robert Flaherty).

— Quem é Jean Rouch?

Cineasta etnógrafo por vocação, Jean Rouch (o mesmo de que no filme fala o inspector), certo de que cada homem é «um personagem em busca de um autor», partiu há anos para África donde trouxe algumas surpreendentes curtas-metragens (20) e as 2 obras-primas que são Moi, un noir *(a propósito do qual o próprio Godard escreveu em Abril de 1959 um artigo intitulado* «L'Afrique vous parle du fin et des moyens») e La pyramide humaine. *Consciente de que a câmara pode ser um modo de conhecimento mas também um instrumento abusivo e mistificador, Rouch recusa a batota porque, em vez de surpreender os personagens, dá aos seus intérpretes a consciência de que representam um papel, e é da sinceridade que eles põem nessa representação que finalmente nasce* uma verdade. *Mas, se para os negros de Treichville como para os «maîtres fous» a representação era um espontâneo exercício de libertação, quando Rouch desce a Paris encontra diante da câmara personagens cujas fronteiras entre a sinceridade e a simulação (e a dissimulação) eles próprios, como nós, ignoram, o que torna as suas últimas experiências mais discutíveis* (Chronique d'un été *e* La punition).

— Há outros praticantes do chamado «cinema-verdade»?

Há, o mais importante dos quais é Richard Leacock, americano nascido em Inglaterra, operador de Flaherty em

Cortes a vermelho
2
29-V-64
R. [illegible]

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 21/5/64
Prova n.º 183
Saída em 28/4/64

A morte de MacArthur

~~A MANIA DAS GRANDEZAS~~

Quando o General MacArthur morreu, os jornais disseram que morrera um grande chefe militar. A garantir a legitimidade do título, havia a história da sua vida e a que se escrevera sobre a 2.ª guerra mundial e sobre a guerra da Coreia; havia a série dos cargos e condecorações com que fora distinguido; havia opiniões de homens ilustres das quais ninguém via motivo para duvidar.

A publicação póstuma de duas entrevistas que, a pedido do entrevistado, aguardaram inéditas os dez anos de vida que ainda gozou — em paz prestigiada, graças talvez a esta medida de prudência —, veio mostrar que o General disse mais coisas do que as conhecidas pelos historiadores e pelos amigos e admiradores. Disse e quis fazer: só não fez porque não o deixaram, e disso muito se queixou. Se não fora a má vontade de Truman, presidente, não só MacArthur o disse — a guerra da Coreia teria resultado numa retumbante vitória para o ocidente (entenda-se E. U., através da então sua delegação O. N. U.), como ainda o mesmo ocidente teria neutralizado o perigo do contágio chinês, pelo menos por uns 60 anos bem contados. afinal, nem bombas em território chinês nem cobalto em território coreano, e um fim de guerra que não trouxe honras para ninguém. Que as bombas, então como agora, tem-nas o governo americano, e muitas, mas não são para desperdiçar: guardam-se muito bem e vão-se fazendo mais; e depois os números, bem exibidos perante o público, asseguram uma posição — como os rendimentos (em que as citadas bombas abrem tremendas brechas, diga-se) *.

* Então como agora, à incipiente ingenuidade de um chefe militar que ri do «perigo russo», opõem os governantes americanos um olho alerta e desconfiado sobre Krutchev, cuja bota está sempre pronta a chutar para onde não se espera.

Mas nem só a frustração da visionada vitória coreana causou o despeito do general MacArthur. A um dos seus entre-

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
CORTADO

Autorizado c/ cortes a remeter
29-V-64

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 21/5/164
Prova n.º 184
Saída em 28/4/164

VISADO
15
SERVIÇOS DE CENSURA
COMISSÃO DE LISBOA

SERVIÇOS DE CENSURA
(31 DE) CORTADO

vistadores de 1954 revelou ele que, dois anos antes, propusera ao em breve presidente Eisenhower, na presença de J. Foster Dulles, um plano que teria posto termo à guerra fria. Só a falta de visão e de iniciativa de Eisenhower e a frieza obstinada de Dulles impediram que fosse posto em prática — e não revelou ao jornalista a luminosa ideia que podia ter modificado os destinos do mundo e de todos nós, em atenção à desproporcionada fraqueza da mão que a iria transmitir.

Douglas MacArthur morreu com 84 anos, o que pode considerar-se uma idade avançada e sujeita a certos desvarios. O mesmo não se dirá da idade com que fez as revelações que acabamos de expor, tanto mais que em 1950 foi julgado por Truman à altura de assumir o supremo comando das forças das Nações Unidas quando, da invasão da Coreia do Sol pelos comunistas. Donde se conclui que este homem não tinha a noção da sua própria estatura, ou perdeu-a a partir de certa altura. Os dados recentemente divulgados surpreenderam desagradàvelmente quem o tinha revestido de herói, por nada saber que isso impedisse, nem que desmentisse a serena virtude em que pairava acima das vulgares pequenezes humanas.

Ficou-se a saber que ele também foi acessível à inveja e ao despeito, que caracterizam os medíocres — assim o dizem as acusações que distribuiu por tudo e todos que de perto ou de longe o tocaram. governo inglês (segundo ele, cúmplice dos chineses), Truman, Eisenhower, todos os altos funcionários e departamentos governamentais ligados com a sua actividade, ninguém escapou.

Significativamente, o último plano que apresentou foi o do prolongamento e maior solenização do programa dos seus funerais. A mania das grandezas... o homem morreu, deixe-se-lhe o valor, e deixem-se-lhe as fraquezas!

Quando a dita mania não encontra meios para passar as medidas tudo acaba bem. O pior é que às vezes são os que têm manias. Para esses não valem as meias medidas.

T. A.

2

4

Provas remetidas à Censura
em ... 763
Prova n.º
Saída em 28 /64
SECRETARIADO DE CENSURA — COMISSÃO DE — VISADO 15
SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

189
198

ALEMANHA: VIA ÚNICA

PORQUÊ uma crónica sobre a Alemanha quando milhares doutras crónicas foram já escritas versando o mesmo tema? A razão é simples: escrevemos uma crónica sobre a Alemanha 1) porque a República Federal Alemã é um foco de poderio ~~militar~~, político e económico; 2) porque é, além disto, um dos pontos de ficção entre dois sistemas socio-económicos antagónicos, assumindo uma importância vital nos negócios do mundo; 3) porque a Alemanha tem para a política interna e externa de alguns países um significado e uma importância cada vez maiores; 4) porque a importância da Alemanha no mundo aumenta incessantemente.

Existe pois a necessidade duma análise global, compreensiva e tão estimulante quanto possível duma das nações chaves desta segunda metade do século XX.

Começaremos por ver qual é a realidade actual da Alemanha nos campos político, económico e social e acabaremos vendo qual será a projecção das eleições próximas nesta realidade.

I — O presente: a) a economia e a sociedade

O Produto Nacional Bruto da Alemanha Ocidental é em volume o 5.º do mundo: em 1958 ascendeu a 177 500 milhões de marcos; em 1959, 191 800 milhões de marcos; em 1960, 219 400 milhões de marcos; em 1961, 216 400 milhões de marcos; assim, como imediatamente se infere do exposto, houve em 1961 uma recessão que se prolongou pelo ano seguinte, tendo actualmente sido ultrapassada; a origem do PNB é a seguinte: agricultura 6 %; minas 5 %; indústria 46 %; transportes 6 %; construção 6 %; comércio 14 % outros 1 %. A produção industrial passou do índice 100 em 1953 para 126 em 1961 e a produção agrícola subiu para 123 em 1961 (base 100 em 56-57) [1].

[1] Estas e as restantes informações estatísticas são extraídas do *Statistical Yearbook da O. N. U.*

Estas indicações porém são de tal modo vastas que não nos dão uma visão real e concreta da economia alemã, nas suas articulações internas e externas. A breve exposição que vai seguir-se tem esse objectivo além de outro [2].

[2] De descrever as causas da crise económica que afectou a Alemanha.

TEMPO E O MODO — N.º 15
remetidas à Censura
21/5/67
VD N.º 191
em 28/4/64
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

permitiram à economia da República Federal «descolar». São estas as verdadeiras causas do milagre alemão — que não foi causado nem pelas virtudes intrínsecas do capitalismo nem pelo sorriso simpático e bonacheirão de Erhard [1].

[1] Além disto há a notar a existência de grande abundância de técnicos e o facto de as instalações industriais, ao contrário do que se pensa, não terem sido destruídas; apenas 10 % da indústria siderúrgica foi destruída, 20 % da mecânica; 15 % da química; 20 % da têxtil.

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

Depois da reforma monetária de 1947 tornada necessária pela decuplicação da moeda em circulação desde 1939 (8 milhões para 80 milhões de marcos) a Alemanha inicia com uma base financeira estável o seu redressement *económico cujo fulcro é uma supercapitalização conseguida pela mobilização dos créditos; tal é a política alemã na UEP (União Europeia de Pagamentos). O capital fixo das indústrias transformadoras passa de 7 biliões de dólares em 1947 para 16 biliões em 1956 ou seja um aumento de 110 % (USA: 25 %; UR: 50 %); o investimento continua sempre mais intenso 43 biliões de DM em 1955, 47 milhões em 1956. A estrutura económica em que este desenvolvimento se baseia é precisamente a mesma da Alemanha de Weimar e de Hitler: uma indústria extremamente concentrada em* cartéis *(organização horizontal de empresas produzindo os mesmos produtos visando a aumentar os seus lucros) e* konzerul *(organizações verticais de empresas, associando a mina à fábrica).*

Pelos acordos de Potsdam (1945) os aliados tinham-se comprometido a descartelizar *a Alemanha como meio de evitar uma nova guerra; esta* descartelização *nunca foi realizada pois embora afastasse a guerra afastaria também a orgânica capitalista — o que de nenhum modo convinha aos USA. Se os grandes* konzeme *foram desmembrados, os* cartéis *que os constituíam mantiveram-se intactos e passaram a actuar em conjunto, como se continuassem a ser* konzeme; *as Indústrias Siderúrgicas Reunidas foram desintegradas em 13 sociedades; a IG Farben em 3 (Badische Auilin, Leverkusen, Höchst); o Konzeme Mannesmann é desmembrado na Mannesmann AG, na Stamag e na Berghan AG; a Krupp mantém-se quase intacta. Em breve recomeça a reconcentração: o Konzern Stinnes mantém-se; a Rheimische Rölurwerke e as Hüttenwerke Phoenix AG reconstituem o Konzer da Siderurgia; as sociedades mineiras do Ruhr criam o* Cartel Oberheinische Kohlenunion *para funcionar como sociedade de vendas; o* Konzern *da hulha, o gigantesco* Rheimisch — Westphälisches Kohlensyndikat *que fora dividido em 3 partes obteve autorização da*

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 21/5/63
Prova n.º 813
Saída em 28/4/64

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

As reservas são porém muito grandes (400 anos, ao ritmo normal).

A metalurgia é outra indústria chave; em 1962 produziu 32 600 000 toneladas de aço com uma diminuição de 2,7 % em relação ao ano anterior (a produção de ferro fundido diminuiu 4,6 %).

A indústria química é a 4.ª do mundo e a indústria textil é igualmente muito importante.

A espinha dorsal do sistema de transportes são os caminhos de ferro; os transportes por estrada têm um carácter acessório; as vias navegáveis são igualmente importantes.

O comércio externo da Alemanha é-lhe vitalmente necessário e tem um enorme valor; a sua estrutura é esta: importa 30 % de produtos alimentares, 30 % de objectos manufacturados, 30 % de matérias-primas e 10 % de combustíveis minerais; exporta 2,4 % de produtos alimentares, 86 % de objectos manufacturados, 4 % de matérias-primas e 7,3 % de combustíveis. A balança comercial tem sido positiva. Em 1962 a Alemanha ocupou o 2.º lugar no comércio mundial com 9 % das importações e 11 % das exportações logo a seguir aos USA (com respectivamente 13,5 % e 17 %).

Depois de termos descrito grosso modo a economia alemã vamos destrinçar os males que a afligem (e que a afligirão) e os remédios que têm sido aplicados.

A economia alemã ocidental sofre de doenças assaz graves que os seus óptimos técnicos se esforçam por minorar; algumas dessas doenças são comuns a toda e qualquer economia de mercado (ou capitalista), outros são específicos a um país dividido. Entre os problemas comuns a toda e qualquer economia de mercado avultam os processos inflaccionistas que ameaçam todo o desenvolvimento económico; as dificuldades económicas da República Federal derivam do próprio progresso económico porque este passou nos últimos anos; o desenvolvimento económico traduziu-se num aumento de salários(em 1961, 10,8 %) havia portanto mais compradores de bens de consumo mas estes e os bens de produção (devido aos aumentos salariais) tornavam-se mais caros diminuindo a taxa de lucro, a rentabilidade dos investimentos e, las bat not least, as possibilidades de conquista de mercado externos. Que fazer? Aumentar os ordenados? Isso apenas acelerará o processo trazendo a curto prazo um gasto inflaccionário; não os aumentar? Então o problema mantém-se. O governo resolveu o problema fazendo alinhar os aumentos de salários com o crescimento global da economia; assim, evitava-se dum só golpe as ameaças inflaccionistas e de estagnação. Depois, virou-se à conquista de mercados externos: a Alemanha, tradicionalmente voltada para leste (vide Erich

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

O TEMPO E O MODO — N.º 15
Provas remetidas à Censura
em 21/5/64
Prova n.º 195
Saída em 28/4/64
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

vadas pelo Bundestag (câmara eleita pelo povo); o governo federal é responsável perante o Chanceler por sua vez responsável perante o Bundestay; o Chanceler, só pode ser demitido por uma moção de censura se esta incluir o nome do futuro chanceler; em caso de necessidade o chanceler pode prescindir do poder legislativo do Bundestay fazendo ele próprio as leis. Como se vê, uma vez investido no seu cargo de Chanceler é pràticamente inamovível; como para ser investido tem que ser apoiado por um partido político qualquer torna-se fácil, com base neste, dominar todo o sistema político. Foi o que aconteceu com o Dr. Adenauer. Para reconstituir o clima político da Alemanha de hoje (ou de ontem à noite...) basta que nos lembremos do caso Spiegel: Der Spiegel *é uma revista ligada ao FDP (Frei Demokratische Partei) que consegue a façanha (nada fácil), de fazer críticas de direita ao Dr. Adenauer; este não gostou (tratava-se do glorioso — mas sempre denotado — exército alemão) e tratou de apreender a edição do* Spiegel *e de prender o seu director; este caso flagrante de desrespeito pelos direitos e garantias individuais mostra bem como são as regras do jogo na Alemanha. Outro exemplo muito típico da maneira como é governada a Alemanha foi o procedimento do Dr. Adenauer em relação à Presidência da República: de Fevereiro a Junho de 1959, Adenauer para afastar Erhard da chancelaria começou por lhe oferecer o cargo de Presidente da República; Erhard recusou em 3 de Março; em 7 de Abril Adenauer candidata-se à presidência da República multiplicando declarações em que criticava a capacidade política de Erhard; tendo-se apercebido que o cargo de Presidente da República não lhe permitia afastar Erhard da Chancelaria, Adenauer em 6 de Junho renuncia à sua candidatura, continuando Chanceler da República Federal Alemã. Este comportamento iníquo e intriguista é uma amostra típica do clima reinante na política alemã. No interior de cada partido há também histórias curiosas: pode servir de exemplo disto o Congresso de Godesberg em que o SPD (Partido Social Democrata) abandonou os últimos restos da doutrina que Liebknecht ilustrara; ninguém sabia de nada, ninguém reparava em nada, ninguém protestou. Mas a disposição mais atentória à democracia é a que exige 5 % dos votos para ter representação no Bundestag; esta disposição impede a formação de qualquer novo partido e deixa sem representação muitos votos.*

Os partidos políticos têm existência consagrada na lei Fundamentar: art.º 21, n.º 1; «os partidos concorrem para a formação do povo; a sua fundação é livre; a sua organização deve obedecer aos princípios democráticos; os partidos devem prestar contas públicas da origem dos seus recursos». Ora esta última disposição tem sido sempre violada pois nunca

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

O TEMPO E O MODO—N.º 15
Provas remetidas à Censura
Em ... /62
Prova n.º ...
Saída em 28/ /64

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
15
COMISSÃO DE LISBOA

nenhum partido (a não ser o SPD) publicou as suas contas; e isto porque tanto a CDN como a FDP vivem não dos seus sócios mas sim das doações dos círculos capitalistas a que estão ligadas e cujos interesses servem. E isto não se deve dizer.

Existem na Alemanha 3 partidos principais: o Feie Demokratische Partei *(Partido Democrata livre) chefiado por Erich Mende, que reúne os republicanos liberais da direita burguesa (industriais do Ruhr); é o partido mais à direita do Bundestag, a sua importância é crucial pois desempenha um papel de chameira entre a CDU/CSU e o SPD. A* Christliche Demokratische Union *nasceu do antigo* Zentrum Católico *mas não é um partido confessional agrupando protestantes e católicos; a sua ala bávara tem o nome de* Christliche Soziale Union; *o partido tem cerca de 200 000 membros, pouco activos, e vive econòmicamente à custa da «Associação de doadores» agrupando os interesses económicos alemães tanto o FDP como a CDU/CSU tem integradas nos seus quadros numerosos ex-nazistas; a CDU tem 2 alas cada uma mais reaccionária do que a outra não sabemos em qual delas é que os ex-nazistas militam. Finalmente temos o Sozialdenwkntische Partei Deuschlands (SPD), partido socialista histórico fundado no século XIX; destruído por Hitler, reconstituiu-se após a guerra; é o partido mais numeroso e bem organizado da Alemanha; contava no fim de 1961, 645 000 aderentes e 7770 secções (875 000 membros e 9613 secções em 1947). Depois deter combatido o mercado comum e o rearmamento* [7]. *O SPD abandonou toda e qualquer doutrina socialista*

[7] O SPD aplaude-os agora com igual sinceridade.

e sintetiza a que doutrina na frase: «Concorrências, tanto quanto possível; planificação — tanta quanta for necessária.» *O SPD «Dum partido da classe operária tornou-se um partido de todo o povo» (programa de Godesbey); embora tenha abandonado todas as suas veleidades socialistas, o SPD só agora começa a ganhar alguma coisa com isso, pois para as gerações mais velhas ele continua a ser «o partido dos vermelhos». Vejamos agora a evolução das votações partidárias:*

Inscritos votantes	14-8-1949 31 287 600 78,5 %		6-9-1953 33 920 900 86 %		15-9-1957 35 400 900 87,8 %		17-9-1961 37 440 715 87,7 %	
	Lugares	%	Lugares	%	Lugares	%	Lugares	%
CDU/CSU	139	31	243	45,2	270	50,2	242	45,4
SPD	131	29,2	151	28,8	169	31,8	190	36,2
FDP	82	11,9	48	9,5	41	7,7	67	12,8
DPC	47	4,0	15	3,2	3,4	17	—	2,8

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

O TEMPO E O MODO — Nº 15
Provas remetidas à Censura
em 21/5/64
Prova n.º 198
Saída em 28/4/64
COMISSÃO DE CENSURA
VISADO
SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO
(SÉDE)
COM CORTES

II — O futuro

Dizemos que nas próximas eleições nada mudará na política interna (política pròpriamente dita e política económica) pela simples razão que ninguém aparece defendendo mudanças de políticas nem radicais nem moderadas. Seja qual for o governo que as próximas eleições produzam, este seguirá no plano interno — política dos governos anteriores.

É no plano externo que se vai travar a luta de que os combates entre Willy Brandt e Erhard no início deste ano(sobre os passes para Berlim Oriental) foram uma prefiguração.

Existem 3 hipóteses sobre o novo governo da República Federal Alemã:

a) CDU/CSU/FDP; b) SPD/CDU/CSU; c) CDU/CSU, que colocamos por ordem de possibilidade. A hipótese de ou a SPD ou a CDU constituírem governo é remota e utópica tendo em vista as últimas indicações do eleitorado; existe pois a necessidade duma coligação: as afinidades tradicionais levam a CDU a casar-se com o FDP; este porém poderá exigir demais — o que levará a CDU/CSU a virar-se para o SPD fazendo um governo de coligação nacional; este teria a vantagem de rebentar definitivamente com o FDP; teria porém o grave inconveniente de mostrar ao eleitorado alemão que a única diferença entre o SPD e a CDU/CSU é que esta recebe mais subsídios de alta finança.

Uma aliança CDU/SPD praticaria uma política estrangeira simultâneamente decidida e flexível: decidida por ser uma política apoiada por toda a nação, flexível por não ter que velar as mudanças de vontade dos eleitores; um tal governo seria mesmo capaz de reconhecer pùblicamente que a reunificação é impossível e indesejável (indesejável para toda a gente: para a Alemanha porque teria que integrar uma economia mais pobre e radicalmente diferente além dum Partido Comunista forte de 3 milhões de membros que perturbaria a orgânica constitucional alemã; para a França que teria um concorrente ainda mais sério no Mercado Comum; para a URSS inaceitável por razões económicas e militares). Porém, o mais provável é que o actual governo de coligação CDU/CSU/ /FDP se mantenha no poder. E então ficará tudo como dantes, quartel general em Abrantes; ou melhor: quartel general noutro sítio, que não dizemos, mas que é fácil de calcular.

SALGADO DE MATOS

10
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES
Slhi